



FREUD, A PSICOSSEXUALIDADE E SUA RELAÇÃO NO ENSINO DA BIOLOGIA

Emerson Daniel da Conceição Ferreira¹; Manoel Gaspar Castro das Neves²; Gabriel Pinheiro da Rocha²

danielcfer@hotmail.com; manoel-bleess@hotmail.com; Gabriel_howe@hotmail.com

1- Estudante de Biologia – IFMA

2- Estudante de Biologia -IFMA

RESUMO

Freud acreditava que os aspectos essenciais da personalidade são formados nos primeiros anos de vida, quando as crianças são obrigadas a resolver os conflitos criados entre as suas tendências biológicas naturais, as necessidades sexuais e a orientação da libido, ou energia sexual, e as exigências da vida social. A resolução destes conflitos ocorre numa sequência invariante de estágios de desenvolvimento psicosssexual. A passagem de um estágio para outro é marcada por uma mudança na fonte de satisfação sexual (ou zonas erógenas). A forma como a criança vive os conflitos que se lhe deparam em cada estágio determinaria a sua personalidade futura. As pessoas que experienciam excesso de frustração ou de satisfação dos sentimentos sexuais de cada período poderão permanecer psicologicamente presas a esse estágio, fenômeno que Freud designa por fixação. Desdobrando-se a significância de se expressar o desenvolvimento psicosssexual do indivíduo relacionando-o assim com o ensino da biologia em sala de aula, exemplificando a evolução individual de cada um.

Palavras Chaves: Freud, Psicosssexualidade, Ensino, Biologia.



1. INTRODUÇÃO

Educar requer necessariamente o outro como agente que interage na sociedade e na qualidade da relação que se estabelece com o outro. Partindo da suposição que a relação pedagógica está implícita na relação humana, a educação se desenvolve muito mais por aquilo que somos, do que por aquilo que falamos ou expressamos sobre tal relação. Pensar a educação no âmbito pressupõe, portanto analisar uma nova direção no sentido de saber ser, e não só saber fazer. É necessário implicar a educação na subjetividade das expressões do inconsciente, que está implícito na formação do indivíduo (SILVA, 2006).

Freud, ao discutir sua hipótese da pulsão de morte, disse: “devemos, portanto, voltar-nos para a biologia, a fim de testar a validade da crença” (Freud, 1920/1976, p. 64) ... a biologia é, verdadeiramente, uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos forneça as informações mais surpreendentes, e não podemos imaginar que respostas nos dará, dentro de poucas dezenas de anos, às questões que lhe formulamos. Poderão ser de um tipo que ponha por terra toda a nossa estrutura artificial de hipóteses. (idem, p. 81).

Vemos Freud afirmando esse ponto em diversas passagens. No seu texto sobre o narcisismo, por exemplo, é dito que “... devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica.” (Freud, 1914a/1974, p. 95). Nessa mesma obra, afirma que “... a hipótese de instintos do ego e instintos sexuais separados (isto é, a teoria da libido) está longe de repousar, inteiramente, numa base psicológica, extraíndo seu principal apoio da biologia.” (idem). Além disso, segundo ele, “não podemos deixar de considerar o termo ‘instinto’ como um conceito fronteiro entre as esferas da psicologia e da biologia.” (Freud, 1913b/1974, p. 217).

Em 1933, nas “Novas Conferências Introdutórias”, ele comenta a relação entre psicologia e biologia: Por mais ciosamente que em geral defendamos a independência da psicologia de toda outra ciência, aqui se nos impõe o fato biológico inamovível de que o organismo individual vivo está sob o domínio de duas intenções, a autopreservação e a preservação da espécie (...) aquilo a cujo respeito estamos falando agora é sobre a psicologia biológica; estamos estudando os concomitantes psíquicos dos processos biológicos. (Freud 1933/1976, p. 120).

Mais à frente, reafirma essa relação quando diz que sua “... inovação na teoria dos instintos; também ela se baseia essencialmente em razões biológicas.” (idem, p. 129). Ou seja, tanto em escritos relacionados à primeira formulação da teoria das pulsões quanto em seus escritos tardios, Freud não abandona a idéia de uma psicologia conectada aos aspectos



biológicos. Ele chega mesmo a chamar “... a atenção para os muitos aspectos em que a psicanálise atua como intermediária entre a biologia e a psicologia.” (Freud, 1913b/1974, p. 217).

2 – MATERIAIS E MÉTODOS

Ades comenta que, em seus primeiros trabalhos, Freud estava firmemente fundamentado no referencial biológico e darwinista, tendo depois mudado sua perspectiva. Segundo este autor, têm surgido estudos procurando conectar esses dois campos (psicanálise e a biologia darwinista) e que, se “... é cedo ainda para celebrar a reunificação da família, celebremos a abertura do diálogo.” (Ades, 2001, p. 134).

Em artigo de Furlan (2000, p. 128), diz-se: “... o que pretendemos aqui, é apontar, em primeiro lugar, para a importância da relação da Psicanálise com a Biologia, presente do início ao fim da obra freudiana.” Andrade (2003, p. 26) afirma: “creio haver indícios suficientes para supor que Freud desejava ver a psicanálise como uma metapsicologia científica edificada sobre uma infraestrutura neurobiológica.” Para este autor, “o ajustamento entre o psicológico e o biológico constitui elemento tão essencial do modelo psicanalítico freudiano, que negar este paradigma é afastar-se do próprio referencial psicanalítico.” (idem, p. 21).

Percebemos a significância da psicologia freudiana no autoconhecimento do indivíduo em sala de aula, onde o professor ao estudar e demonstrar experienciando o desenvolvimento psicosssexual relacionam a origem orgânica e com o desenvolvimento psicológico do ser.

5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvimento Psicosssexual

Estágio Oral

Na fase oral, o prazer sexual, predominantemente relacionado à excitação da cavidade oral e dos lábios, está associado à alimentação. O recém-nascido não se sente como uma entidade separada do mundo exterior, só se preocupa com a satisfação das suas necessidades biológicas, que lhe asseguram a sobrevivência quando tem fome ou sede procura a satisfação.

Quando a necessidade é satisfeita e a pulsão a ela associada reduzida, sente prazer e o organismo volta ao seu estado de equilíbrio. Neste sentido, a procura do prazer é o princípio básico da existência. Se a satisfação da necessidade não é imediata, e tem que esperar pelo alimento começa a sentir-se como separado do meio e dá-se o início da formação do Ego, o que acontece durante o primeiro ano de vida.

Quanto à oralidade, durante os primeiros dezoito meses de vida, a pulsão caracteriza-se por: fonte=zona oral, alvo=incorporação, objecto=aquele da ingestão do alimento. A relação de



objecto é organizada em torno da nutrição e colorida por fantasias que adquirem os significados de comer e ser comido (impulsos canibalescos). Portanto, a ênfase recai sobre uma zona erógena (oral) e uma modalidade de relação (incorporação).

Estágio Anal

Durante esta fase as crianças começam a desenvolver controlo muscular ligado a defecação, é também nesta altura que os pais se começam a preocupar com a criação de hábitos de higiene. Se esta preocupação dos pais for demasiado rígida pode vir a condicionar a personalidade da criança, apresentando esta características próprias na fase adulta.

Nesta fase, a retenção ou expulsão das fezes torna-se fonte de prazer, pelo que a região anal é a zona erógena. A higiene e a consequente necessidade de controlo dos esfíncteres mostram que o ego está formado, sendo a criança capaz de diferir a satisfação das pulsões. Desejo e prazer localizam-se primordialmente na região anal. Brincar com massas e tintas, amassar barro ou argila, comer coisas cremosas e sujar-se são os objectos do prazer.

Estágio Fálico

Manifesta-se, sobretudo, nestas idades a curiosidade pelos órgãos sexuais. A criança obtém prazer ao tocar-lhes sendo comum a sua manipulação. Questões do tipo: Como nascem os bebés? começam a intrigar a criança. Brincar aos médicos e aos pais e às mães são os passatempos eleitos nestas idades. É nesta fase que as crianças vivem a primeira experiência de amor heterossexual. A sexualidade, até aqui auto-erótica, começa a investir-se nos pais.

Complexo de Édipo

É vulgar ouvir os meninos dizer que a sua namorada é a mãe e quando forem crescidos querem casar com ela. Segundo Freud, os desejos libidinosos do filho para com a mãe são totalmente inconscientes. Embora eles influenciem o seu comportamento, não é ciente deles. À medida que o seu desejo se sente mais forte, a criança entra inconscientemente em competição com o pai. É a conjugação destes dois sentimentos (amor/rivalidade) que fazem com que surja no rapaz o desejo de imitar o pai, de ser como ele, para conquistar a mãe. Isto origina outro complexo – o complexo da castração – em que o rapaz teme que o pai se vingue, mutilando-o, particularmente amputando-lhe os órgãos genitais. O que aqui nos parece negativo e de certo modo chocante é, pelo contrário, positivo e basilar para a estruturação da personalidade.

Complexo de Electra

O desenvolvimento da personalidade da rapariga segue as mesmas directrizes. A rapariga sente-se atraída pelo pai. Uma importante diferença é que a rapariga esteve desde sempre muito ligada à mãe e, nesta idade, vai investir e seduzir o pai. É mais difícil rivalizar com a mãe porque receia perder o seu amor. As meninas sentem aquilo a que Freud chamou



inveja do pênis, ou pura e simplesmente dão-se conta de que o não têm, culpam a mãe por as terem posto no mundo incompletas.

Sentem-se castradas já à nascença. Porém, a resolução deste complexo não chega a um desfecho abrupto, mediante um medo intenso como nos meninos. É resolvido lentamente, e quando o desfecho é feliz, a rapariga identifica-se com a mãe e sublima (torna socialmente aceitáveis) os seus sentimentos pelo pai.

Estágio da Latência

Após a vivência do complexo de Édipo e com um superego já formado, a criança entra numa fase de latência que é caracterizada por uma diminuição da actividade sexual. Esta etapa começa por volta dos 5 anos e estende-se até à puberdade. A criança ao deparar-se com a impossibilidade de tornar efetiva a satisfação das pulsões sexuais, é obrigada a renunciá-las e a voltar-se para objetos que não pertencem à sua estrutura familiar primária. As pulsões sexuais são reprimidas e a energia sexual é canalizada para outras atividades e interesses sociais.

Em vez da satisfação sexual, busca-se a satisfação pulsional através de elementos socialmente valorizados como a investigação e as atividades lúdicas e artísticas. É neste período que o indivíduo se relaciona com os professores e colegas, dando-se, assim, o início da escolaridade e do aprendizado das operações matemáticas e gramaticais. A vergonha, o pudor, o nojo, a repugnância são sentimentos característicos desta fase e vão ser bastante importantes no controlo e retenção da libido.

A criança vai adquirir uma consciência moral e é aí que o superego se vai manifestar, instalando-se através das proibições paternas e da sociedade na qual a criança se desenvolve. O ego tem mecanismos de defesa que englobam formas inconscientes organizadas pelo sujeito para lutar contra a ansiedade e outras ameaças internamente sentidas, protegendo assim o seu ego de níveis de angústia que lhe seriam intoleráveis. São alguns destes mecanismos: o recalçamento, a regressão, a intelectualização, a denegação (negação), a sublimação e a formação reativa. Ainda que este período constitua uma pausa na evolução da sexualidade, este fato não significa necessariamente que a criança não tenha nenhum interesse sexual até chegar à puberdade, simplesmente, neste período não se desenvolverá uma nova organização da sexualidade.

Estágio Genital

Para Freud e para os psicanalistas, a adolescência reativa uma sexualidade que esteve como que adormecida durante o período de latência, isto é, os impulsos sexuais, reprimidos neste estágio, reaparecem com todo o vigor e são dirigidos para o sexo oposto, visto que no estágio genital,



que ocorre durante e depois da puberdade, o rapaz e a rapariga já são conscientes das suas identidades sexuais.

Aqui a meta é uma sexualidade adulta e madura que tem como objetivo a reprodução, sendo o amor mais altruísta e menos centrado na auto-satisfação. Deste modo, o mundo relacional do adolescente é alargado a pessoas exteriores à família. No estágio genital, retomam-se algumas problemáticas do estágio fálico, como o complexo de Édipo, problemáticas essas que resultam de uma diminuição da atividade sexual, que pode ser total ou parcial, durante o período de latência. Assim, o adolescente vai reativar o complexo de Édipo e a sua liquidação está ligada a um processo de autonomização dos adolescentes em relação aos pais idealizados, como eram sentidos na infância.

O adolescente poderá fazer escolhas sexuais fora do mundo familiar, tal como adaptar-se a um conjunto de exigências socioculturais. Alguns adolescentes, face às dificuldades deste período, regridem a fases do desenvolvimento anteriores (fundamentalmente resultantes do conflito entre o id e o ego), recorrendo também a mecanismos de defesa do ego como o ascetismo e a intelectualização. Através do ascetismo, o adolescente nega o prazer, procura ter um controlo das pulsões através de uma rigorosa disciplina e de isolamento. Pela intelectualização ou racionalização, o jovem procura esconder os aspectos emocionais do processo adolescente, e passa a interessar-se por atividades do pensamento, colocando aí toda a sua energia.

Por se tratar de uma fase tão conturbada na vida do jovem, é essencial o acompanhamento e uma maior aproximação por parte dos pais e amigos, e por vezes de profissionais da área da psicologia clínica. Neste estágio, podem ocorrer, também, fixações afetivas que têm como objetivo pessoas da mesma idade (nos quais reconhecem conflitos semelhantes aos seus) ou adultos que admiram.



4- CONCLUSÕES

A ligação entre psicanálise e biologia é apontada por diversos comentadores da obra de Freud. Strachey, na introdução da edição inglesa de "A Interpretação de Sonhos", de Freud, afirma que este jamais abandonou "... a crença de que, em última análise, teria que ser estabelecida uma base física para a psicologia." (Strachey, 1986, p. xxiv). No mesmo sentido, Andrade (2003, p. 18) diz que Freud "... manteve, outrossim, até o fim da vida a convicção de que as hipóteses provisórias da psicanálise seriam um dia explicáveis por meio de conhecimentos fornecidos pela biologia." Também para Mezan (1982, p. 37), Freud "... jamais se desfez da esperança de que um dia a correlação entre a psicologia e a realidade orgânica pudesse ser estabelecida."

Observamos que utilizando o ensino da Psicologia, mas precisamente as teorias freudianas da Psicosexualidade no ensino de biologia podem demonstrar em sala de aula a evolução humana desde sua fase mais tenra até sua fase adulta e mais idosa.



-5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADES, C. – O Morcego, Outros Bichos e a Questão da Consciência Animal. **Psicol. USP**, 8: 129-57, 1997.

ANDRADE, V. M. – **Um diálogo entre a Psicanálise e a Neurociência**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.

C.S.R., da Silva (2006) **Ciência e Cognição**; Vol 8.

FREUD, S. (1893a) – **Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. I, 2^a ed., Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 175-91.

(1893b) – **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. III, 2^a ed., Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 35-47.

(1905b) – **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 123-250.

(1920) – **Além do Princípio do Prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 13-85. Edição em inglês: London, Hogarth Press, 1957. Edição em espanhol: Buenos Aires, Amorrortu, 1993.

FURLAN, R. – Natureza e economia na teoria freudiana. **Est. Psicol.**, 5: 123-48, 2000.

STRACHEY, J. – Nota do Editor Inglês. In FREUD, S. 1915a – **Os Instintos e suas Vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1969, p. 129-35.

MEZAN, R. – **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo, Perspectiva, 1982.